

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE², DE ROSALVO DO VALLE

José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*. Publicação em CD-ROM patrocinada pela ABRAFIL. Rio de Janeiro: Botelho, 2009. (ISBN 978-85-98924-18-2). Disponível em:
http://www.filologia.org.br/rosalvo_cd_rom

<http://www.filologia.org.br/livraria>

INTRODUÇÃO

Neste artigo, que será sintético, sobretudo porque se refere a uma breve Comunicação, que fiz numa reunião da nossa Academia Brasileira de Filologia, em homenagem aos oitenta anos do eminente latinista Rosalvo do Valle e lançamento em CD-ROM de suas *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*, pretendo fazer mais que uma justa homenagem ao querido Confrade; pretendo, na verdade, levar aos estudiosos do assunto uma prestimosa contribuição para o estudo diacrônico da língua portuguesa.

Devo ressaltar que a brevidade daquela fala se deu por conta do pequeno tempo destinado a cada um dos apresentadores daquela mesa-redonda, porquanto, se assim não o fosse, muito eu teria a falar sobre o tema a que me proponho desenvolver.

De fato, essas *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*, do Professor Rosalvo do Valle, sugerem diversas pesquisas acerca da língua latina, da sua evolução e a relação que estabelece com as línguas neolatinas e, em especial, com a língua portuguesa.

Especial, não só porque se tem repetido desde muito tempo que a língua portuguesa se origina do latim denominado vulgar, mas, sobretudo, por ser um fato as semelhanças deveras efetivas que exis-

² O texto aqui resenhado constitui a tese com que o Prof. Rosalvo do Valle recebeu o título de Livre Docente.

tem entre o português e o latim vulgar. Tais semelhanças se estabelecem na fonética, no léxico, na morfologia e até mesmo na sintaxe, resguardadas as particularidades de cada uma das duas línguas em questão nos referidos aspectos linguísticos.

Assim, apesar da riqueza de informações acerca da história externa da língua portuguesa, presente na referida pesquisa, enfatizarei tão somente aspectos relacionados aos elementos que facilitam um estudo da história interna do português, sob a perspectiva da diacronia.

1. Contribuição para o estudo diacrônico da língua portuguesa em Peregrinatio Aetheriae

Entre nós, estudiosos da história da língua portuguesa, mais propriamente da sua história externa, é pacífica a afirmação de que a sua origem mediata é o latim vulgar. Tem-se justificado tal afirmação mormente pelo fato de a origem imediata da língua portuguesa estar diretamente relacionada a romanos, que se desenvolveram a partir do processo de dialeção da língua latina na península Ibérica após a invasão dos povos góticos, que causou a queda do Império Romano.

E foi exatamente o latim vulgar que deu origem não só ao português, como também às demais línguas românicas – línguas neolatinas –, que, por ser a língua falada pelo povo, especialmente pelos soldados romanos que a levaram às terras conquistadas, não chegou com as mesmas características fonéticas, morfológicas e sintáticas àquelas regiões, cujos habitantes compartilhavam de cultura, linguagem e costumes particulares e distintos, normalmente, dos romanos. É natural que a linguagem dos romanos, os quais conquistavam terras longínquas, se distanciasse da linguagem daqueles que mantinham um contato mais direto e efetivo com Roma. Além disso, o contato com as linguagens dos habitantes das terras conquistadas, embora constituíssem substratos do latim, influenciava-o, tornando-o cada vez mais diferente da língua de Roma.

Logo após a queda do Império Romano, no início do séc. V, a língua latina, que já se apresentava bastante modificada por ação dos substratos – línguas subjogadas e esquecidas por ação de outra que

se lhes impõe –, ou seja, linguagem dos povos vencidos pelo povo romano, os quais passavam a usar a língua do povo vencedor, se dialecta e se desenvolve diferentemente nas diferentes regiões do antigo Império.

Sobreveio, por conseguinte, uma fase de caos linguístico e, em seguida, uma fase de organização de diversos falares – os romances ou romances, alguns dos quais deram origem às línguas românicas e essas às línguas neolatinas. A língua portuguesa é uma dessas línguas de origem latina.

Também se justifica a origem mediata do português no latim vulgar quando, numa comparação entre as manifestações linguísticas, se constatasem semelhanças inquestionáveis: na fonética, a tendência a transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas, que se verificam no uso oral da língua latina, corresponde, no português, a uma característica fundamental, uma vez que o número de palavras portuguesas paroxítonas terminadas em “-a”, “-e” e “-o” é inexoravelmente superior ao número de palavras oxítonas e proparoxítonas. O sistema vocálico do português também se assemelha ao do latim vulgar, que se apresentava com um sistema vocálico reduzido a 7 vogais, tónicas – três abertas e quatro fechadas, em virtude do critério “quantidade” ter dado lugar ao critério “intensidade”, exatamente como ocorre na sílaba tónica do português.

No léxico, a preferência por palavras populares, familiares e afetivas, em que predominam a formação do diminutivo, que se verificava no latim vulgar não só se assemelha ao uso que se faz na língua portuguesa, é, sobretudo, a fonte do vocabulário do português, que se fez fundamentalmente das formas populares em acusativo – caso lexicogênico do português.

Na morfologia, com a redução dos casos até a sua queda definitiva, no latim vulgar, que passa a se caracterizar como uma modalidade analítica, cria-se um quadro de artigos e desenvolve-se um quadro de preposições para marcar certas funções sintáticas, que antes eram marcadas pelas desinências casuais que deixam de existir. Esses quadros de elementos morfológicos e os aspectos gramaticais, que do seu uso surgiam, se verificam no português, que também se caracteriza como uma língua em que predomina o analitismo morfológico.

Também na sintaxe se pode traçar um paralelo entre o latim vulgar e o português, visto que em ambos as manifestações linguísticas se verificam o analitismo sintático, a preferência por estruturas subordinadas desenvolvidas, ordem direta dos termos na estrutura oracional.

Todos esses aspectos foram considerados nesse trabalho do mestre Rosalvo do Valle.

Chamo a atenção, também, para o fato de o mestre ter-se preocupado com o termo “latim vulgar” e com o conceito que se tem atribuído a ele muitas vezes sem a devida e merecedora reflexão. Na verdade, não é pacífico entre os latinistas, romanistas e linguistas o conceito de latim vulgar, como bem observa o eminente latinista, Rosalvo, nesse seu trabalho.

Rosalvo, citando autores consagrados como Väänänen, Marrouzeau, Sedgwick, Maurer, Dias y Dias, Silvio Elias, Silva Neto, entre outros, teceu comentários primorosos sobre o fenômeno oral da língua latina e exemplificou com o uso da monja em sua peregrinação, de modo que se possam observar os diferentes níveis da linguagem da referida religiosa.

Nesse seu trabalho, ainda podemos reunir subsídios para refletirmos sobre o que se tem denominado “*sermo classicus*”, “*sermo quotidianus*” e “*sermo ecclesiasticus*”, elementos que compõem o texto eteriano em referência. Embora sejam de grande importância para a história externa do português, esses assuntos não serão desenvolvidos no presente artigo.

A mim, coube-me destacar elementos que contribuem para o estudo diacrônico do português, mas que justifiquem o estágio atual da língua, o que passo a fazer agora.

No terceiro capítulo, depois de ressaltar o número exaustivo de ocorrências e exemplificações na obra de Van Oorde, Rosalvo anuncia que vai limitar-se a alguns aspectos do vocabulário eteriano. Contudo, o mestre nos oferece subsídios suficientes para observarmos certas tendências que se generalizaram na língua corrente: palavras afetivas, de natureza familiar ou popular, empréstimos, neologismos, efetivação do processo de sufixação (em especial, do sufixo

de diminutivo, que Rosalvo afirma ser escasso na *Peregrinatio*) e de prefixação e preferência por perífrases.

Considerando o aspecto formal, Rosalvo enfatiza a sufixação, processo de formação de novas palavras que, no latim, se efetivava e, no texto eteriano, se nos mostra interessante, porquanto a monja Etéria, com o uso do referido processo de formação, revela-se ora erudita ora inovadora. A erudição de Etéria certamente se justifica pelo fato de ter sido ela uma leitora assídua das escrituras, como o são as monjas em geral. O caráter inovador apresentado pela monja em seu texto reflete certas características da linguagem falada da época e comprova as influências da oralidade sobre a escrita. Aliás, temos nesse fato, enfatizado pelo nosso homenageado, mais uma importante contribuição para os estudos linguísticos – marcas de oralidade em textos escritos desde a antiguidade num permanente processo de influências mútuas de uma modalidade da língua sobre a outra.

Dos muitos exemplos de sufixos arrolados por Rosalvo, a maioria se observa na língua portuguesa dos nossos dias, muitos deles praticamente sem transformação formal e com a mesma função morfossemântica, outros com pequenas transformações e outros com uma forma evoluída.

Muitos são os exemplos de nomes substantivos com os sufixos “-io”, “-tio” e “-sio”, dos quais destacamos: *commemoratio*, *ratio*, *mansio*, *operatio*, *oratio*, *pronuntiatio*, *ratio*, entre outros. Tais sufixos podem ser encontrados em muitas palavras portuguesas (mulherio, potássio, tardio, fugidio). Também encontramos um número considerável de palavras que apresentam o sufixo “-ão”, que se relacionam às formas de genitivo daqueles substantivos (“-onis”: comemoração < *commemoratione(m)*; operação < *operatione(m)*; razão < *ratione(m)*, entre outros).

Outros sufixos observados pelo mestre é “-tas” (*aetas*, *ciuitas*, *necessitas*, *ueritas*), que evoluiu para a forma “-dade” no português. Também no português, em que é muito produtivo, o referido sufixo forma palavras femininas abstratas (moralidade, irregularidade, crueldade, entre tantas outras). Muitas se formaram no latim (felicidade < *felicitate(m)*, necessidade < *necessitate(m)*, idade < *aetate(m)*, calamidade < *calamitate(m)*, entre outras).

Além desses, Rosalvo apresentou muitos outros: “-mentum” > “-mento” (rolamento, firmamento); “-ia” > “-ia/-a” (memória, graça, família, ciência); “-ona” < “-ona” (matrona, chorona); “-ela” > “-ela” (cadela, didadela); “-bilis” > “-vel” (venerável, impossível); “-osus” > “-oso” (arenoso, formoso); “-arius” > “-ário/-eiro” (contrário, primário, primeiro, obreiro); e tantos outros, muitos dos quais não são sentidos como sufixos atualmente, como é o caso de “-(c)ulus”, em palavras como: abelha < *apicula*, orelha < *auricula*, joelho < *genuculu*, ou o próprio “-tat” em: idade, verdade, cidade, entre outros sufixos.

Observa que, na formação de verbos, a sufixação não se faz efetiva na linguagem da monja Etéria como ocorre com a prefixação, e apresenta uma série de palavras em que se podem verificar prefixos que também ocorrem no português ou com a sua forma inalterada ou com uma forma evoluída, como é o caso de formas em: “ad-”, “cum-”, “de-”, “ex-”, “in-”, “per-” e “re-” (advir, colocar, decorrer, elaborar, incorrer, perambular e regredir).

No capítulo seguinte, sob o título “Alguns fatos gramaticais”, Rosalvo nos esclarece, em “questões de grafia”, a perda da aspiração do “h” inicial, que ainda hoje se mantém na grafia do português (hóstia, hoje, hora, etc.) e do medial, que sofreu síncope (mim < *mi-hi*, depreender < *deprehendere*, etc.); também oferece subsídios para compreendermos a apócope do “-m” final dos nomes e do “-t” final das formas verbais de 3ª pessoa.

Em Morfologia Nominal, esclarece que a autora da *Peregrinatio* demonstra certa erudição, apesar daquele considerável número de exemplos que ilustraram o estudo sobre a formação de palavras por meio de sufixação. Logo, o texto não nos oferece subsídios para um completo estudo diacrônico de morfologia nominal do português. Já na Morfologia Verbal, o mestre ressalta a confusão entre verbos de 2ª, 3ª e 4ª conjugações e a tendência a um quadro simplificado a três conjugações, como o é em português. Comenta, ainda, sobre a situação complexa da construção pronominal, que ora equivale à passiva, ora à ativa, cujo pronome ou é um complemento verbal em acusativo ou é um elemento estilístico, como também ocorre no português.

Na Sintaxe, ele faz observações importantíssimas sobre a ordem direta dos termos que é efetiva na frase eteriana. Também faz observações sobre os elementos discursivos, sobre o largo uso de preposições e de locuções prepositivas, e sobre a preferência de orações desenvolvidas. Logo, a sintaxe dessa *Peregrinatio ad loca sancta* é uma fonte riquíssima para os estudos sobre o latim vulgar e, conseqüentemente, para um estudo diacrônico da sintaxe da língua portuguesa.

2. *Considerações finais*

Apesar de eu não ter-me alongado demais, muito ainda se poderia ressaltar desta obra, que representa um estudo de expressivo valor para quaisquer interessados em questões de linguagem (oralidade e escrita e cultura escrita) e, mormente em aspectos diacrônicos da língua portuguesa.

Ao efetivar a publicação desta obra, a Academia Brasileira de Filologia põe à disposição do público em geral uma pesquisa, cuja falta já se fazia sentir. De fato, presta uma justa homenagem ao Prof. Rosalvo do Valle e presenteia a todos nós com esta indispensável obra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a Peregrinatio Aethieriae*. Publicação em CD-ROM, patrocinada pela ABRAFIL. Rio de Janeiro: Botelho, 2009. (ISBN 978-85-98924-18-2). Disponível em: http://www.filologia.org.br/rosalvo_cd_rom